

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica

Class.: THRO000112

Data 22/03/92

Pg.: \_\_\_\_\_

## O caminho de volta pelo avesso

Rachar lenha na hora do almoço, ficar sem almoçar ou sem tomar café eram alguns dos castigos impostos aos Tuiucas, se falassem na sua língua materna durante os oito meses de internato (de março a outubro), na Missão Católica de Pari-Cachoeira. Em nome da conversão de almas, missionários católicos e protestantes dizimaram, desde o descobrimento(?) do Brasil, milhares de tribos autóctones.

Essa agressão, desde o início bárbara, refletiu-se até semanticamente em algumas palavras. Cabral e sua frota, em 1.500, cometeram o engano histórico e proposital de "pensar ter chegado à Índia". Desde então, os primeiros habitantes do país foram chamados de índios. Esse tipo de agressão se perpetua até nossos dias, quando nos dirigimos a um tuiuca, por exemplo, e o chamamos de índio.

Em nome de Deus, missionários destruíram a língua, os costumes, a organização social, enfim, toda a vida cultural dos silvícolas. Acusados de selvagens, os habitantes do lugar, eles sim, foram vítimas de uma selvageria sem tamanho, de uma violência sem precedentes, imperdoável até mesmo para os deuses do homem branco.

O processo de destruição é tão irreversível que a pajelança hoje faz parte apenas do folclore das tribos. Com a destruição implantada pelos missionários, o padre ganhou mais força que o pajé. Um exemplo dessa dizimação cultural é o do tuiuca, Dhpo-dhka, que recebeu o nome português de Justino Sarmiento Rezende. Ele formou-se em Filosofia e agora termina o curso de Teologia, no Cenec, e quer ser padre.

Oriundo de uma família tuiuca tradicional (leia quadro), Dhpo-dhka, também foi vítima da violência dos missionários. Reoltado, se perguntava: "Por que só eles, que vêm de fora, podem chegar e dominar a gente?" Como resultado desse questionamento, terminou por decidir seguir a carreira missionária. Dhpo-dhka bem que podia ser um wiog tuiuca bem sucedido. Mas, com a perspicácia e a inteligência que muitos brancos negam ao silvícolas, descobriu uma verdade histórica:

— Ser pajé hoje em dia é muito difícil. Não há mais pajés formadores. E percebi que a formação de um pajé não é por um certo tempo. Não é como ir à escola e adquirir conhecimentos. A formação de um pajé é por toda a vida. É algo tradicional, que passa de pai para filho. Mesmo assim, há segredos que nunca são revelados. São segredos que o "novo" pajé é obrigado a descobrir.

Nas tribos do Alto Rio Negro o pajé funciona como o protetor das doenças e dos ataques malignos. É o homem capaz de prever todas as moléstias e livrar sua tribo dos males. Funcionava como um elo de harmonia entre o homem e a natureza. "As doenças acontecem porque o homem quebra o equilíbrio com a natureza e a natureza se volta contra ele", explica Dhpo-dhka.

Ele ainda recorda, com muito ressentimento, a violência cultural praticada pelos missionários contra as tribos do Alto Rio Negro:

— Havia toda uma formação cultural que de uma hora para a outra foi dizimada. Com as crianças, por exemplo, tiraram-nas do seu ambiente, que era a floresta, o mato, para trancá-las durante oito meses num internato. Isso é algo os velhos, o processo foi mais brutal. Eles chegavam e acabavam com os rituais quebrando tudo.

Dhpo-dhka revela que a partir dessa agressão se foi perpetuando o distanciamento cultural entre velhos e novos. Um dos fatores que motivavam esse distanciamento era a obrigação de meninos e meninas passarem mais tempo dentro dos internatos do que junto de suas tribos. Com isso, as tradições, normalmente passadas de pai para filho, se perdiam na estrada da violência (cultural). "A pessoa não consegue mais ser um verdadeiro tuiuca nem aprende a ser um civilizado", comenta Dhpo-dhka, acrescentando que a tendência é esse distanciamento cultural aumentar cada vez mais.

E foi a partir desse contexto que Dhpo-dhka resolveu ser padre. Mesmo assim, nascido em 1961, suas recordações do internato de Pari-Cachoeira não são nada boas:

— Os 10 anos de internato (saí em 76) foram de sofrimento. Era um peso muito grande para mim. De março a outubro você não tinha liberdade nenhuma para falar sua língua. Todo o mundo era obrigado a falar português. Os que se rebelavam eram castigados. Os castigos eram do tipo rachar lenha ao meio-dia, ficar sem almoço ou ficar sem café. Havia alguns que, em forma de protesto, passavam a maior parte do tempo calados.

A missão salesiana está instalada próximo ao Sítio Onça, no Igarapé Pari-Cachoeira há 52 anos. "Desde que nasci sempre foram os salesianos que tomaram conta", diz Dhpo-dhka, que por uma dessas ironias agora é salesiano.

Mas até chegar próximo do seu sonho de ser padre, Dhpo-dhka foi obrigado a passar novamente pelo internato. Pri-

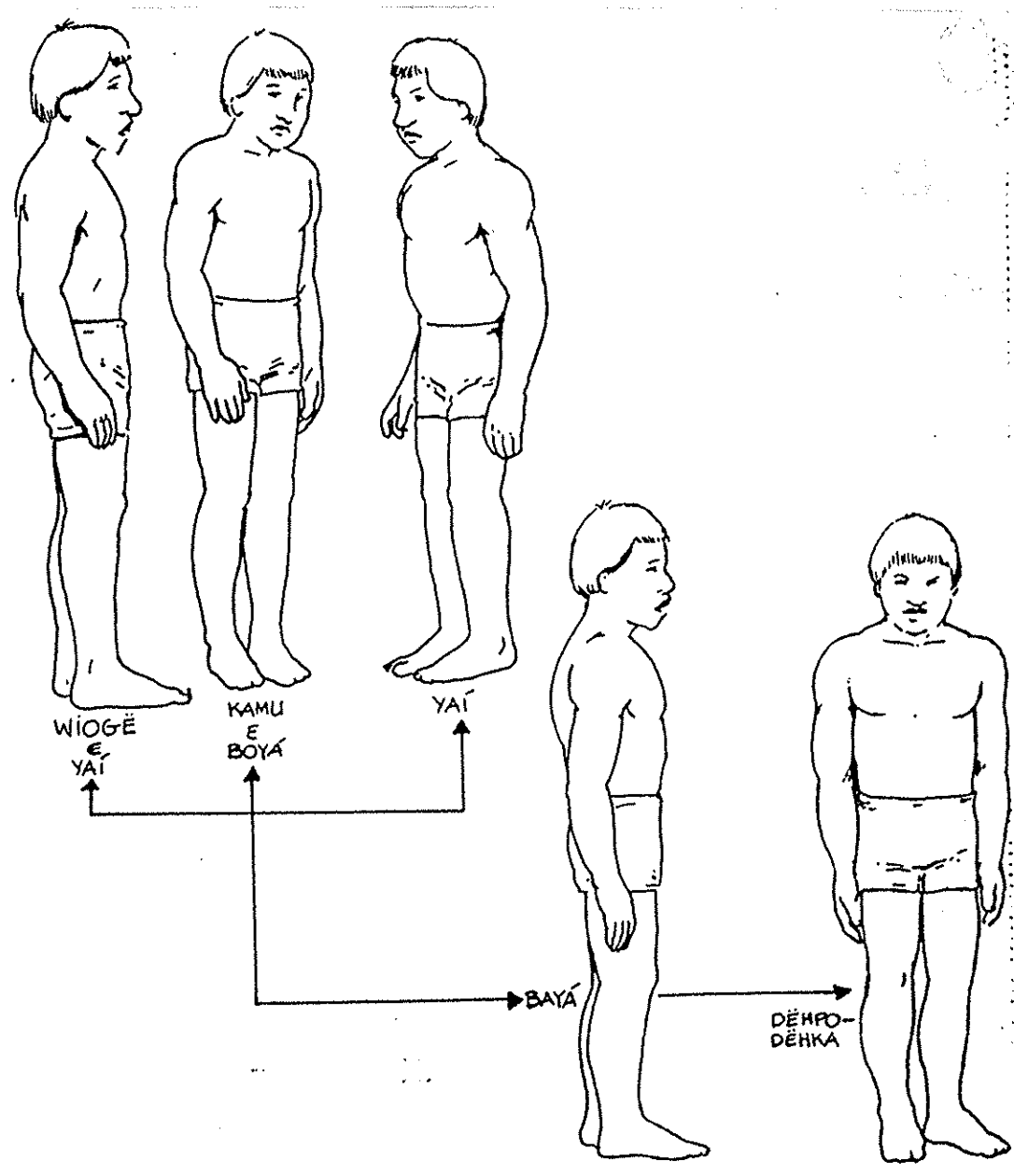
meiramente, procurou o padre Afonso Casanovas, que dirigia a internato e falou da sua vontade de ser padre. Foi rejeitado. Em seguida, seu desejo era trabalhar na marcenaria do internato. "Foi falado ao meu pai que eu só trabalharia na marcenaria se voltasse ao internato", acrescenta.

Findou por voltar a fim de terminar a 7ª e a 8ª séries. Em 1980 veio para o Dom Bosco, onde iniciaria a preparação para a vida religiosa. Teve que enfrentar novas dificuldades como o português e até mesmo "o jeito de ser". Em breve Dhpo-dhka estará voltando para a sua comunidade como o padre Justino Sarmiento Rezende. Só ainda não fez isso por não ter se acostumado com a burocracia da Igreja:

— Já era para eu ser padre. Mas é que todo o ano tem que renovar o pedido. É uma burocracia danada. Se não renovar você não tem vocação. Mas agora quero trabalhar na minha comunidade.

Dhpo-dhka volta para os tuiucas. Mas não é o mesmo silvícola captado pela missão em 1966. É um padre. Um padre católico, impregnado pela moral católica. Se ele conseguir resolver o problema do distanciamento cultural dos seus irmãos, só Deus sabe.   
Oy seria só os?   
20025-340 m?

02



## Peixes, pássaros e frutas

Os Tuiucas sempre moraram nas cabeceiras do rio Tiquiê, que é afluente do rio Uapês, por sua vez, afluente do rio Negro. A tribo vive no sítio Onça, fronteira com a Colômbia, "bem pertinho de Paricachoeira", diz Dhpo-dhka. "São apenas cinco horas de remo", completa. Antes da invasão dos missionários, os Tuiucas moravam numa imensa maloca. Dentro das malocas havia divisões. Eram semelhantes às famílias do homem branco. Recebiam a denominação de ahkó-kahperi-porã. Eram estruturas familiares visando, principalmente, os aspectos da vida prática. Dentro de um ahkó-kahperi-porã havia a autoridade maior que recebia o nome de Wiog. Era uma espécie de Tuchaua, encarregado do relacionamento com outros grupos. Sua atribuição era

especificamente externa. Mas era ele também que comandava as saídas para a caça e para a pesca. Logo após o Wiog, na escala de poder, aparecia a figura do Kumu. O Kumu era o organizador, no sentido bem mais profundo da palavra. Era o responsável pelo aconselhamento dos membros do ahkó-kahperi-porã. Um degrau abaixo vinha o Bayá, cuja a especialidade era a música. Tinha a função de animar os rituais com a sua música. Estava ligado diretamente ao Kumu. O último na escala de poder da sociedade Tuiuca era o Yai, nome que também significa onça. Pode ser traduzido para o português como aquele que descobre e espanta as doenças. Embora todo o mundo pescasse, entre os Tuiucas havia os especialistas em pesca e

caça. Esses, quando o Wiog ordenasse, deveriam estar sempre à disposição para uma dessas atividades. As mulheres e as crianças completavam o ahkó-kahperi-porã Tuiuca. Era tradição entre os Tuiucas os homens serem batizados com nomes de peixes ou pássaros. As mulheres recebiam o nome de uma fruta. Dhpo-dhka, por exemplo, é o nome de um peixe. Tuiuca também pode ser traduzido para a língua Tukano e resulta Diikhaña, que em português é o barro com que se faz cerâmica. Tuica, traduzido direto para o português também tem o significado próximo à tradução vinda do Tukano. Embora signifique barro, os Tuiucas não possuíam habilidade com a cerâmica. Sua especialidade sempre foi, até hoje, a fabricação de canoas. Dhpo-dhka ainda não tem

confirmação: "preciso averiguar melhor", diz, mas já ouviu falar que seus antepassados organizavam-se para brigas sangrentas com os Barassanas. Bará são puçangás utilizadas para encantar. Para ser bom pescador, para a árvore dar muitos frutos. Tem também outras utilizadas. Mesmo assim, não dá para se saber o porquê das prováveis brigas com os Tuiucas. O certo é que não só os Tuiucas, mas boa parte das tribos do Alto Rio Negro foram totalmente dizimadas culturalmente com a chegada do homem branco. Os próprios Tuiucas, por exemplo, já não moram mais em malocas, não passam mais as tradições através do Wiog e do Kumu e entraram num processo de decomposição cultural que nem mesmo, o arrependimento eterno dos missionários poderá resgatar.

01



## Uma história perdida

Dhpo-dhka, depois que passou a ser Justino Sarmento Rezende, teve que enfrentar a fúria da cultura do homem branco. Na cidade, Dhpo-dhka escreveu uma cartilha para crianças Tukano, denominada noa tho niati teré? (Quem foi que disse isso?). A primeira parte da cartilha foi editada pela Seduc ano passado. Mas, desde lá, o agora Justino Sarmento Rezende tem que andar de um lado para outro.

Nem como Dhpo-dhka, na floresta, Justino foi obrigado a caminhar tanto tempo. É que a Seduc não editou a segunda parte da cartilha e nem devolveu os originais para Justino Sarmento. Ele já foi à Secretaria por quatro vezes e agora mostra-se de-

solado: "acho que perderam meus originais".

Porém, parece a que dúvida de Justino Sarmento em relação aos seus originais começa a se transformar em certeza. A penúltima vez em que procurou a Seduc, foi informado de que o material poderia estar no Japiim, no Centro de Treinamento Padre Anchieta.

Justino Sarmento foi ao Padre Anchieta e lá disseram "que o material havia se perdido durante a mudança". Justino Sarmento não sabe mais onde procurar seus originais. Com isso, os índios Tukanos perdem a chance de lerem a continuação de suas histórias. Primárias, mas, registro escrito de uma cultura dizimada.